

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO**

DANIELLA ALMEIDA

**AS BIOGRAFIAS E OS PERFIS NO JORNALISMO
CULTURAL**

CAMPINAS

2012

DANIELLA ALMEIDA

AS BIOGRAFIAS E OS PERFIS NO JORNALISMO CULTURAL

Monografia de conclusão do curso de Gestão e Produção em
Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Orientador: Celso Bodstein.

PUC-CAMPINAS

2012

“A arte está em tudo.”

Daniel Piza

RESUMO

ALMEIDA, Daniella. As biografias e os perfis no jornalismo cultural. 2012.31f. Monografia (especialização) – Programa de Especialização em Gestão e Produção em Jornalismo, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2012.

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a utilização das biografias e os perfis na produção de matérias e reportagens culturais e como estes dois subgêneros do jornalismo literário contribuem para o mercado editorial positivamente. O presente projeto pretende mostrar que a utilização das biografias e perfis na produção de pautas culturais proporciona uma maior aproximação do leitor com os temas abordados pelas reportagens, não só pela liberdade autoral dos textos, mas pela intenção antropológica dos mesmos, vindo assim fortalecer o jornalismo cultural e seus produtos editoriais.

Palavras-chave: jornalismo literário, jornalismo cultural, perfil, biografia, reportagem, mercado editorial.

ABSTRACT

ALMEIDA, Daniella. The biographies and the profiles in cultural journalism. 2012. 40f. Monograph – Programa de Especialização em Gestão e Produção em Jornalismo, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2012.

The objective of this research is reflect about using of biographies and profiles in editorial production of cultural journalism and how these two subgenres of literary journalism give a positive contribution to publishing market. This project intends to show that the using of biographies and profiles in cultural topics production, provides a closer relationship of reader with the topics covered by the articles, not only for the freedom of authorial texts but by anthropological intention, giving more relevance for cultural journalism and their publishing products.

Keywords: literary journalism, cultural journalism, profile, biography, article, publishing market.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. REFLEXÕES SOBRE JORNALISMO LITERÁRIO E CULTURAL	11
2.1. O jornalismo literário e seus subgêneros.....	13
2.2 O jornalismo cultural e seus valores humanísticos.....	16
3. A BIOGRAFIA E SUA RELAÇÃO COM O JORNALISMO CULTURAL	19
4. O PERFIL E SEU COMPROMISSO COM O JORNALISMO.....	23
5. AS BIOGRAFIAS E OS PERFIS NO MERCADO EDITORIAL BRASILEIRO	25
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30

1. INTRODUÇÃO

Jornalismo, literatura e cultura. Como relacionar estes três universos e suas formas de narrar o mundo? A literatura pode influenciar o jornalismo? E a cultura, como é refletida por esta habilitação da comunicação? Quais os limites destas áreas do conhecimento? Como elas são colocadas no mercado?

Compreender as biografias e os perfis, subgêneros do jornalismo literário, no jornalismo cultural é o principal objetivo deste trabalho que pretende refletir um pouco sobre o tema e pontuar alguns questões de acordo com os autores destes campos de estudo.

A partir desta reflexão o presente projeto pretende mostrar como as biografias e os perfis contribuem para a produção de reportagens no âmbito cultural e como os gêneros são utilizados nos produtos jornalísticos que tem como linha editorial a cultura.

A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo Instituto Pró-livro em 2011 e publicada em março de 2012, é referencia quando se trata do comportamento do leitor no país, desde seu lançamento em 2001. Seus resultados são amplamente divulgados e orientaram estudos, projetos, ações mercadológicas de leitura no país, bem como, serve de subsidio para a mídia especializada.

Nesta pesquisa, os resultados apresentados foi de que o número de leitores no país diminuiu de 95,6 milhões, registrado em 2007, para 88,2 milhões. Ainda que, de um modo geral o estudo tenha revelado este declínio, a leitura do gênero biografia permaneceu na lista dos 11 gêneros mais lidos, tendo a pesquisa ainda apontado que o estilo é consumido em sua maioria por jovens entre 25 e 29 anos, de ambos os sexos e que cursam o nível superior.

A pertinência em falar sobre a influência das biografia e dos perfis subgêneros do jornalismo literário, no jornalismo cultural, se dá por entender dentro da perspectiva de Sérgio Vilas Boas (2003, p.13), que os processos de criação são multidimensionais, ou seja, neles combinam-se memória, conhecimento, imaginação, sínteses e sentimentos, cinco elementos imprescindíveis ao trabalho autoral, segundo afirma o autor.

Os perfis cumprem um papel importante que é exatamente gerar empatias. Empatia é a preocupação com a experiência do outro, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem. Significa compartilhar as alegrias e tristezas de seu semelhante, imaginar situações do ponto de vista do interlocutor. Acredito que a empatia também facilita o autoconhecimento (de quem escreve e de quem lê).

(VILAS BOAS, Sergio, 2003, p.14)

No capítulo que dá início a este trabalho são observadas as principais relações históricas entre o jornalismo literário (e seus subgêneros) e o jornalismo cultural, bem como suas premissas teóricas conceituadas pelos autores: Felipe Pena, Edvaldo Pereira Lima, Peter Burke, Daniel Piza, Antônio Olinto e Alceu Amoroso Lima.

As linhas narrativas de cada gênero e suas práticas críticas e reflexivas também são observadas via perspectivas de autores já mencionados anteriormente e outros como José Salvador Faro, Maria Cristina Gobbi, Muniz Sodré, Maria Helena Ferrari, e Márcia Eliane Rosa.

O capítulo seguinte mostra como as biografias se relacionam com o jornalismo cultural, reforçando assim, as argumentações deste projeto quanto ao papel antropológico dos gêneros nas reportagens culturais bem como a influência dos mesmos para os jornalistas, produtores da informação, os leitores e os que estão no controle do mercado. Para Vilas Boas (2002 p. 18) os biógrafos tendem a preferir biografar um indivíduo (bandido ou herói) que ao menos mereça o seu respeito e estimule sua capacidade (e a do leitor) de investigação. Evidentemente, outros fatores entram no conflitante jogo da criação biográfica, como o mercado, as preferências centrais do autor, sua relação com o personagem central, entre outros.

Segundo Alceu Amoroso Lima (1990) a informação e a formação são as características principais do jornalismo como um gênero literário. Destacando o caráter social do jornalismo, Lima afirma que a beleza da atividade está na sua função social:

A beleza do jornalismo está precisamente em ultrapassar a beleza estética para alcançar a beleza intrínseca, ligada à função e a finalidade para-estética. [...] A formação da opinião pública é, pois, uma finalidade extra-estética – pois que social, política, moral, coletiva, civilizadora, mas que faz parte integral e essencial da

caracterização da atividade como gênero do jornalismo literário (LIMA, 1990,p.61).

O quarto capítulo pretende esmiuçar um pouco mais sobre as reportagens perfis, compreender melhor sua função dentro do jornalismo cultural e como este tipo de texto é trabalhado nas pautas culturais, conforme detalha o autor Daniel Piza (2007).

Um gênero interessante de reportagem interpretativa é o perfil (...). O bom perfil nunca esquece que aquele criador está em destaque pelo que fez ou pela reputação que ganhou fazendo o que fez. É intimista, sem ser invasivo; e interpretativo sem ser analítico.
(PIZA, Daniel, 2007, p.84)

Este projeto ainda pretende contribuir para um olhar mais motivador, não só para aqueles que produzem e consomem conteúdos culturais, mas os que estão na gestão deste mercado e buscam inovação com resultados para seus produtos, principalmente os que se apropriam do jornalismo cultural, tal como foi a revista Realidade, importante produto cultural na história do jornalismo, foco da pesquisa da doutora e professora Márcia Eliane Rosa em sua tese *Os sentidos pluralistas do cotidiano da cultura da revista Realidade nos anos de 1966 a 1968*:

[...] Dentro deste quadro, talvez a saída seja não rotular tanto a cobertura do jornalismo cultural e tentar fazer o que o jornalismo sempre se propôs que é o de recortar os fatos da maneira mais próxima da realidade. Desse modo, poderia refletir mais sobre a cultura brasileira sem preconceitos e esteriótipos, assim como foram desenvolvidos os textos da revista Realidade nas décadas de 60 e 70 do século XX. [...]Talvez fosse oportuno pensar em buscar um texto de reflexão e interpretação e valorizar algumas das características originalmente elaboradas pela revista Realidade, onde o jornalismo humanístico, capaz de absorver as negatividades e positivities dos fatos, prevalecia, e a cultura se integrava e se relacionava com outros setores do cotidiano.
(ROSA, Márcia Eliane, 2006, p.106)

Por fim, no seu quinto e último capítulo, este trabalho mostrará como os subgêneros do jornalismo literário (biografia e perfil) é utilizado na produção editorial não apenas como forma de atrair o leitor, mas também reforçar valores humanísticos sob uma perspectiva cultural.

Associar a vida a um caminho ou estrada facilita a compreensão, facilita a narração, facilita a venda. O sucesso das biografias no mercado editorial está certamente relacionado à opção da maioria dos autores em reconstruir o passado atribuindo significado aos fatos dispersos de uma vida e alocando-os em uma ordem cronológica. (PENA, Felipe, 2008)

2. REFLEXÕES SOBRE JORNALISMO LITERÁRIO E CULTURAL

Unir o texto jornalístico à literatura com o objetivo de produzir reportagens mais profundas, amplas e detalhistas e com uma postura ética e humanizada. O jornalismo literário, ramo do jornalismo que foge do noticiário superficial, revela um universo que geralmente fica oculto nas entrelinhas das matérias cotidianas e geralmente apresenta um ponto de vista pessoal e autoral sobre a realidade.

Segundo o autor Felipe Pena (2008), a primeira tentativa de classificação do jornalismo foi feita pelo editor inglês Samuel Buckeley, no começo do século XVIII, quando resolveu separar o conteúdo do jornal Daily Courant em news (notícias) e comments (comentários).

Para se ter ideia da dificuldade em estabelecer um conceito unificado de gênero, essa divisão demorou quase duzentos anos para ser efetivamente aplicada pelos jornalistas e, até hoje causa convergências. (PENA, 2008, p.18).

Edvaldo Pereira Lima (1995), explica que as atividades da literatura e da imprensa se integraram até os primeiros anos do século XX, período que muitos jornais abriram espaço para a arte literária, principalmente por meio da publicação de folhetins e suplementos literários. Nessa época, muitos escritores viram nos jornais um meio de subsistência (já que não conseguiam viver de Literatura) e um veículo de difusão da sua arte. Lima ainda lembra que no Brasil, um exemplo clássico é escritor Machado de Assis que começa sua vida profissional como aprendiz de tipógrafo e revisor de jornal, enquanto em paralelo ele edifica uma carreira de escritor com seus próprios versos e novelas. Outros exemplos de escritores que atuaram como jornalistas foram José de Alencar e Lima Barreto.

O jornalismo cultural por sua vez emerge historicamente no final do século XVII, segundo pesquisas do historiador Peter Burke (2004). Tal fato situa-se em um período que o próprio jornalismo ganha contornos mais definidos em toda a Europa, deixando de ser uma aparição periódica para torna-se uma

narrativa institucionalizada socialmente, ganhando ampla difusão, periodicidade e mercado.

Os primeiros impressos que indicam a cobertura das obras culturais datam de 1665 e 1684 e são representados pelos jornais: “The Transactions of the Royal Society of London” e “News of Republic of Letters”. Ambos faziam parte das obras literárias e artísticas, além de relatarem as novidades sociais. “A resenha de livros foi uma invenção do fim do século XVII” (BURKE, 2004, p.78).

Segundo o autor a representação mais marcante do jornalismo cultural viria em 1711, com a criação do periódico “The Spectator”, também na Inglaterra.

Já no Brasil o autor explica que o jornalismo cultural só se consolidaria dois séculos depois, representado por Machado de Assis (também precursor do jornalismo literário). Neste período a junção dos gêneros literário e cultural ganham expressão máxima, principalmente pelo poder mediador do jornalismo, como forma de narrar para todos os públicos as obras culturais, e a complexidade, como densidade literária e estética.

Segundo Daniel Piza (2007), em 1928 uma publicação moderna marca a história do jornalismo cultural e literário brasileiro: a revista *O Cruzeiro*, que teve como colaboradores Oswald e Mário de Andrade, José Lins do Rego, Manuel Bandeira, Raquel de Queiroz, Vinícius de Moraes, entres outros nomes escrevendo suas crônicas, revelando assim estreita relação entre o jornalismo literário e o cultural.

Cabe lembrar o papel da crônica na história do jornalismo cultural brasileiro. O gosto por elas até certo ponto, sempre foi uma forma de atrair a literatura para o jornalismo praticada por jornalistas e escritores. De Machado de Assis a Heitor Cony, passando por João Rio, Carlos Drummond de Andrade, Rubem Brasga, Paulo Mendes Campos, Otto Lara Resende, Ivan Lessa e outros (Piza, p.33, 2007).

Para Antônio Olinto (1956) que escreveu o ensaio ‘Jornalismo e Literatura’ e Alceu Amoroso Lima (1990), que escreveu ‘Jornalismo como Gênero Literário’, a reportagem é, dentre os textos jornalísticos, o que mais se aproxima da literatura. Comparando a reportagem e alguns gêneros da literatura, Olinto

identifica no romance, e principalmente no conto, as maiores semelhanças com esta (1956, p. 47).

Por sua vez, Lima (1990) tenta encontrar uma solução definitiva para as polêmicas entre jornalismo e literatura, quando qualifica o jornalismo como um gênero literário. Para ele o jornalismo literário é um gênero que apresenta suas características próprias.

Apresenta o traço diferencial da literatura em face da não-literatura, quando põe ênfase no estilo, como meio de expressão, distinguindo-se dentro do próprio jornalismo, no sentido lato, de tudo que vem no jornal, na sua forma escrita, ou no sentido Studio, em sua forma oral. (LIMA, 1990, p.64)

Sendo assim, podemos considerar que cada jornalista deve construir seu estilo próprio. Em outras palavras, para Lima, o jornalista possui autonomia para usar a linguagem (dar ênfase ao meio), desde que respeite os preceitos básicos do gênero literário jornalismo.

Há, pois, um estilo jornalístico que é condição preliminar do estilo do jornalista. O jornalista, como, aliás, todo escritor ou artista, tem de atender a essa dupla exigência estilística. Ter seu estilo próprio, como esplendor do estilo comum ao gênero que adota ou tema que trata. (LIMA, 1990, p.67).

2.1. O jornalismo literário e seus subgêneros

Conforme explica Edvaldo Pereira Lima (1995), os norte-americanos aplicam o termo jornalismo literário para designar a narrativa jornalística que emprega recursos literários. Já os espanhóis a denominam de periodismo informativo de creación.

Esse emprego é necessário porque para alcançar poder de mobilização do leitor e de retenção da leitura por sua parte, a

narrativa de profundidade deve possuir qualidade literária (LIMA, 1995, p. 142).

Para o autor é no chamado jornalismo literário, hoje também conhecido como “narrativa da realidade”, que literatura e jornalismo se comunicam de maneira mais evidente, tendo como principal gênero propagador a reportagem.

De acordo com Lima (1995), a delimitação do que hoje se entende por reportagem está ligada intimamente ao surgimento das revistas semanais, na década de 1920, e à prática do jornalismo interpretativo. Nessa época, segundo o autor, a imprensa precisava construir um texto capaz de explicar os acontecimentos, esclarecendo ao leitor o sentido dos fatos e revelando a ligação entre eles. Com o tempo, ele explica que a reportagem vai se tornando ainda mais aprofundada, constituindo, assim, as grandes-reportagens, mas sem perder o vínculo obrigatório com a realidade.

O jornalismo, com a grande reportagem, e principalmente com o advento do livro-reportagem, potencializa a linguagem com o uso de recursos literários, objetivando o retrato profundo da realidade. (LIMA, 1995, p.149)

Segundo Lima (1995) a utilização dos recursos literários possibilita ao jornalista fugir das amarras dos textos “secos” das redações, com a quebra das técnicas do lead convencional e da pirâmide invertida¹, que muitas vezes produzem um texto frio, que afasta o leitor. Para ele, o objetivo do jornalismo literário é envolver o leitor da maneira mais íntima possível na narrativa para, com esse envolvimento, transmitir as narrativas de profundidade.

Para Felipe Pena (2008), o conceito de jornalismo literário, é complexo e envolve mais do que o uso de técnicas da literatura para a construção do texto jornalístico. Assim explica o autor:

¹ A pirâmide invertida consiste em "um relato que prioriza não a seqüencia cronológica dos fatos, mas a escala em ordem decrescente dos elementos mais importantes, na verdade, os essenciais, em uma montagem que os hierarquiza de modo a apresentar inicialmente os mais atraentes, terminando por aqueles de menor apelo" (PENA, 2005, p. 48).

[...] O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir a perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte o texto deve servir para algo mais que embulhar o peixe na feira (PENA, 2008, p.13).

Tal conceito anuncia uma multiplicidade de princípios do jornalismo literário. Para o autor, esse gênero jornalístico não só explora a linguagem, mas também alguns princípios éticos como o dever para com a formação da cidadania, o que nos remete a necessidade de se evitar os definidores primários². Assim, para ele, o jornalismo literário deve evitar as fontes oficiais que já foram exaustivamente ouvidas pelos jornais diários e dar voz ao cidadão comum.

Segundo Pena (2008) é preciso criar alternativas, ouvir o cidadão comum, a fonte anônima, as lacunas e os pontos de vista que nunca foram abordados. Já sobre as classificações do jornalismo literário o autor define:

É classificado de diferentes maneiras. Para alguns autores, trata-se simplesmente do período da história do jornalismo em que os escritores assumiam as funções de editores, articulistas, crônistas e autores de folhetins, mais especificamente o século XIX. Para outros, refere-se à crítica de obras literárias veiculadas em jornais. Há ainda os que identificam o conceito com o movimento conhecido como *New Journalism*, iniciado nas redações americanas da década de 1960. E também os que incluem as biografias, os romances-reportagem e a ficção-jornalística. (PENA, 2008, p.21)

Pena considera tais classificações relevantes e assim as trata como subgêneros do jornalismo literário, sendo: a crítica literária, o romance-reportagem e a ficção jornalística e a biografia, principais representantes do gênero. E é nessa concepção que se baseia esse trabalho, vendo a biografia

² Aqueles entrevistados que sempre falam para os jornais como autoridades e especialistas famosos. (PENA,2008,p.22)

como o principal subgênero dotado de características que utilizam as técnicas da literatura para narrar o real, mas também impregnada das suas especificidades.

2.20 jornalismo cultural e seus valores humanísticos

Em um país com tantas variações culturais, é fato que o jornalismo cultural tem uma função importante na imprensa brasileira. E é por isso que, o jornalista deste setor ao desenvolver suas matérias deve ter a consciência que um de seus principais papéis é provocar o público a uma reflexão sobre a cultura à sua volta, tanto no âmbito local, quanto global.

Semelhante a história de outros países, o jornalismo cultural no Brasil do século XX é consolidada de lances específicos. Após a geração *fin-de-siècle* de Machado de Assis e José Veríssimo, os jornais e revistas vão dar mais espaço ao crítico profissional e informativo, que não só analisa obras importantes a cada lançamento, mas também reflete sobre a cena literária e cultural no Brasil, o que persiste até hoje.

A partir dos anos 1950 os jornais impressos brasileiros criam o caderno de cultura como seção obrigatória em suas edições diárias e, especialmente, no fim de semana. Quem inaugura tal seção de forma pioneira é o Jornal do Brasil em 1956, com o Caderno B. Editado por Reynaldo Jardim e diagramado por Amílcar de Castro, o caderno se tornou o precursor do moderno jornalismo cultural brasileiro (PIZA, 2007). Reunindo em suas páginas os mais significativos representantes da cultura nacional, como Ferreira Gullar, Clarice Lispector, Bárbara Heliodora e Décio Pignatari, entre outros, o caderno tornou-se uma referência para a crítica cultural de sua época e até hoje é lembrado como ponto alto da prática do bom jornalismo cultural.

O caderno do JB funda uma tendência dentro do cenário das publicações, abrindo frente para outras experiências, como a do Suplemento Literário de O Estado de S. Paulo, dirigido por Décio de Almeida Prado. E para o aparecimento de nomes importantes da crítica cultural, como Paulo Francis, que

inicia sua carreira como crítico de teatro no Diário Carioca em 1957 e passa, posteriormente, por Última Hora, Pasquim, Rede Globo e GNT.

No final dos anos 60 surge O Pasquim, semanário brasileiro que começa como tablóide de humor, política e cultura que, além de seu grupo fixo de jornalistas, como Tarso de Castro e Sérgio Cabral, entre outros, a publicação contava também com a colaboração de Paulo Francis e de nomes como Henfil, Millôr Fernandes, Jaguar, Ziraldo, Ivan Lessa, Carlos Leonam e Sérgio Augusto, e também dos colaboradores eventuais Ruy Castro e Fausto Wolff.

Esta produção “alternativa” mudou a história de todo o jornalismo brasileiro ao modernizar a linguagem mais coloquial e personalista, e encarnar uma resistência pluralista. (PIZA, 2007, p. 39).

É verídico que vários dos melhores cronistas e escritores da época contribuíram para os suplementos de cultura e sem dúvida, para o “escrever bem literariamente”, avaliado da seguinte maneira por Piza (2002) em “Jornalismo e literatura: dois gêneros separados pela mesma língua”:

Aqui entramos na questão das mudanças do próprio jornalismo. Alguém poderia atribuir a ausência de teor literário nos jornais de hoje ao processo de modernização da linguagem jornalística promovido no Brasil desde os anos 60. O jornalismo nacional até então era retórico, verborrágico, personalista, apesar de trabalhos de síntese e clareza como os de Rubem Braga e Joel Silveira. Mas, inspirados na escola americana, os reformadores dos jornais nos anos 60 começaram a exigir uma abordagem mais objetiva, menos participante, concentrada em contar histórias sem editorializá-las. Porém, a partir dos anos 80 veio uma nova onda de “modernização”, que nos anos 90 consolidaria uma triste realidade: textos relatoriais, burocráticos, com pobreza de palavras e recursos, tanto mais tendenciosos quanto mais se pretendem “neutros”. (PIZA, 2002, p. 134 -135)

Piza lembra ainda que o problema não está na exigência da objetividade e homogeneidade dos textos, mas na escrita rudimentar e reducionista:

Sim, o público que se informa pela TV e por agências de notícias – pílulas informativas, quanto menores melhor – pode ser ainda mais afastado por literatice, mas há que enriquecer os tratamentos dados pelos jornais, da notícia mais rápida e enxuta – nem por isso mal pensada e mal escrita – os textos mais longos, analíticos ou descritivos, normalmente reservados para o fim de semana. (PIZA, 2002, p. 135)

Quanto à realidade do jornalismo cultural, o autor alerta para alguns perigos. Primeiramente, que os jornais simplesmente podem divulgar a informação, dando maior atenção a circuitos mais restritos, deixando, com isso, de ampliar a visão cultural do público brasileiro para outras formas de cultura. Em segundo lugar, o jornalista, que corre o risco de ser cooptado pelo marketing da indústria cultural, das grandes editoras, gravadoras e TVs, por exemplo. Por isso, para ele, é preciso ficar atento à pressão a que é submetido, que envolve um sem-número de CDs, livros e releases. Por último, o perigo de ceder a um certo “populismo cultural”, no sentido de reproduzir um discurso já pronto

Entretanto, na opinião de Rivera (2000), ainda há outros tipos de publicações significantes, como por exemplo, as revistas literárias de pequena circulação, publicações acadêmicas altamente especializadas, fanzines, revistas de divulgação que trabalham com recortes temáticos muito diferenciados entre si e coleções em fascículos.

Ainda assim, enxergando os grandes críticos como profissionais escassos, Piza (2007) observa que o jornalismo cultural perdeu muito de sua cientificidade, já que a maioria dos profissionais está preocupada em repercutir os sucessos de audiência. O autor explica que na grande imprensa há um domínio de assuntos como celebridades e um rebaixamento geral dos critérios de avaliação dos produtos.

Há espaço para recuperar parte dessa influência, pois o bombardeio de dados e informações da era eletrônica criou uma carência ainda maior de análises e comentários, que suplementem argumentos, perspectivas e contextos para o cidadão desenvolver senso crítico e conectar disciplinas. (PIZA, 2007, p. 32)

Para recuperar sua expressividade e influência na cultura mundial, o jornalismo cultural precisa recuperar a sua essência científica e seus valores humanísticos, e um caminho para se chegar a esse objetivo é através da formação dos novos profissionais, como aponta Wellington Pereira (2006). Segundo o autor, a formação universitária ajuda a melhorar este juízo de valor, principalmente, se este jornalista tiver o prazer em ler Luís da Câmara Cascudo, Gilberto Freyre, ou por outro lado, os clássicos da área filosófica e social a

exemplo de Kant ou Michel Maffesoli; para descobrir a construção das formas estéticas, para aplicar na vida cotidiana princípios filosóficos básicos.

Já Isabelle Anchieta de Melo (2007) afirma que o jornalista cultural deve possuir uma boa formação humanística, o que inclui uma boa formação em filosofia, história, realidade brasileira, antropologia, ética, teorias da comunicação e teorias do jornalismo para que assim a prática seja encarnada de forma forte e transformadora. Segundo ela, a teoria confere um aprimoramento da prática, e a prática motiva reflexões teóricas, o que provoca uma relação dialética. As próprias “técnicas” jornalísticas carregam, em si uma série de perspectivas ideológicas, pois a técnica nada mais é do que uma criação cultural e humana, carregando seus valores e suas marcas. Assim, quando a técnica orienta o jornalista a ser “objetivo” e “imparcial”, o que se espera é que busque produzir um relato que seja rico, apresentando todos os lados que envolvem a questão da forma mais equilibrada e justa possível.

A autora também aponta sobre a função poética do jornalismo cultural na sociedade. De acordo com ela o jornalismo cultural cumpre simultaneamente uma função informativa e poética na vida dos sujeitos. É sua habilidade tocar a integralidade das pessoas que, ao buscarem essa seção ou essa especialidade do jornalismo, estão em busca de um conhecimento sensível e reflexivo.

Dentro desta perspectiva, Piza (2007) avalia que, o jornalismo cultural vem se expandindo cada vez mais para os livros. Coletâneas de ensaios e críticas são mais corriqueiras, assim como projetos de reportagem feitos diretamente para livros. Por isso, muitos jornalistas têm se dedicado a escrever biografias, gênero que teve um boom editorial a partir da década de 1980. E a história cultural, nos mais variados formatos, desde biografias de cidades, até relatos de encontros intelectuais, continua ganhando bastante espaço.

3. A BIOGRAFIA E SUA RELAÇÃO COM O JORNALISMO CULTURAL

Antes de ser definido como um subgênero do jornalismo literário, a biografia é um antigo gênero da literatura, incumbido de narrar a história de uma

vida. Etimologicamente, a palavra biografia vem do grego antigo βιογραφία (bíos-vida) e gráphein (grafia- escrever).

Maria Cristina Gobbi (2005) fala sobre o uso de ciências como a sociologia e a antropologia, reforçando a natureza interdisciplinar do discurso biográfico:

As biografias são um valioso e atual campo de estudos. Combinam recursos e conceitos de várias áreas do conhecimento, como por exemplo: da história, da antropologia, da sociologia, da psicologia, do jornalismo, etc. (GOBBI, 2005, p. 84).

Nas biografias, o biógrafo narra a história de outra pessoa (centro da narrativa), tendo como fonte principal a memória dos que conviveram com o biografado. Dessa forma, o biógrafo possui compromisso com a verdade ou, no mínimo, com a verossimilhança.

É importante, porém, diferenciar a biografia de narrativas afins, como as histórias de vida (autobiografia e cartas) e os perfis. A confusão conceitual aparece porque as narrativas apresentam aspectos biográficos, mas nem tudo que é biográfico é necessariamente biografia.

Biografia é "uma composição superdetalhada de vários 'textos' biográficos (facetas, episódios, convivas, pertences, legados, o feito, o não-feito etc.)" Já a história de vida dá atenção "total ou parcial às narrativas sobre a vida de indivíduos ou de grupos sociais, visando humanizar um tema, um fato ou uma situação contemporânea". Os perfis são narrativas mais curtas e têm por finalidade focalizar de forma breve alguns momentos da vida pessoal." (GOBBI, 2005, p.85)

Contudo, não se pode esquecer que biografias são recortes e o que está disponível não é a história de vida, mas a interpretação desta. De acordo com Sergio Vilas Boas (2002) tudo passa por um processo de significação que envolve a maneira como o biógrafo vê seu biografado. Assim, para ele não existe "a biografia" e sim "uma biografia". Ele ainda diz que, as biografias que pretende

o todo (geralmente biografias longas e cansativas), muitas vezes esconde o medo que certos biógrafos têm de assumir uma postura diante da vida do seu biografado.

Escolher o fato mencionável ou a citação, descartando centenas de outras – sem distorcer imagem do sujeito – demanda uma habilidade ausente em alguns biógrafos, mas todos são forçados a buscá-la, queiram ou não. (VILAS BOAS, 2002, p. 68)

O autor diz que as biografias podem ser autorizadas (aprovadas pela família do biografado ou por este), independentes ou não-autorizadas (o biógrafo investiga por conta própria, sem o consentimento do biografado ou família), encomendadas (por editores, familiares ou biografado) e, finalmente, ditadas (quando o biógrafo escreve uma biografia ou autobiografia em nome do personagem central).

Mas como gênero literário a biografia teve grande visibilidade nas décadas de 1950 e 1960, nos Estados Unidos, com o advento do New Journalism. Nessa época, escritores interessados em retratar a realidade, como Truman Capote, Tom Wolfe (que publicou o manifesto do New Journalism, em 1973), Norman Mailer e Gay Talese usaram de maneira excepcional recursos da literatura, principalmente técnicas como diálogos, construção cena a cena, mudança do ponto de vista (com monólogo interior direto, através do fluxo de consciência).

No Brasil, a revista Realidade e o Jornal da Tarde são considerados os propagadores do estilo. De acordo com Márcia Eliane Rosa (2006):

(...) as reportagens da revista Realidade eram tratadas de forma diferenciada apresentando textos que desenvolviam características literárias e uma primorosa apresentação visual, com fotos e ilustrações de grande valor informativo, além da beleza artística. (ROSA, 2006,p.67)

Já Faro (1999) explica que a revista Realidade foi a primeira experiência da editora Abril como revista de informação. Ela foi lançada em 1965, com uma tiragem experimental de cinco mil cópias. A revista fez muito sucesso à época, por explorar assuntos diversos, ampliando o universo da cobertura jornalística da noção de atualidade e para a de contemporaneidade.

A publicação não chegou a explorar profundamente os recursos oferecidos pelos novos jornalistas, mas ofereceu aos seus profissionais a possibilidade de desenvolver um estilo próprio e de usufruir das riquezas que a literatura pode trazer ao jornalismo. (FARO,1999, p.89)

Vilas Boas (2003) acredita que a revista Realidade foi excelência em perfis no Brasil e chama a atenção para as seguintes características dos seus textos biográficos:

Imersão total do repórter no processo de captação; jornalistas eram autores e personagens da matéria; ênfase em detalhes reveladores, não em estatísticas ou dados enciclopédicos; descrição do cotidiano; frases sensitivas; valorização dos detalhes físicos e das atitudes da pessoa; estímulo ao debate; repórteres reconheciam e assumiam, em primeira pessoa, as dificuldades de compreensão da, às vezes indecifrável mas sempre fascinante personalidade humana. (VILAS BOAS,Sergio, 2003, p.24)

Sobre o advento de novas linhas de reportagem dos novos jornalistas influenciadas principalmente pela revista Realidade, Lima (1995) explica que dois fatores foram determinantes: o primeiro foi a divisão estabelecida nos jornais diários entre as “matérias quentes” (acontecimentos de imediata veiculação, os chamados furos de reportagem que eram privilegiadas nos jornais) e as matérias frias (feature).

As frias caíam sobre o rótulo de matérias de interesse humano, o que poderia significar qualquer coisa menos atraente do que a cobertura da grande tragédia ou do importante veículo político. Em compensação, os jornalistas que produziam features tinham certo espaço livre para experimentar com o jornalismo literário (LIMA, 1995, p. 147).

O segundo fator, de acordo com Lima, está relacionado às mudanças sociais, culturais e comportamentais da contracultura e movimentos paralelos ocorridos nessa época.

Daniel Piza (2007), afirma que no jornalismo cultural brasileiro, as biografias começam a ganhar maior destaque a partir da década de 80.

Muitos jornalistas tem se dedicado a escrever biografia, gênero que no Brasil teve um *boom* editorial a partir da década de 1980. E a história cultural, nos mais variados formatos, desde biografias de cidades até relatos de encontros intelectuais, continua ganhando bastante espaço. (PIZA, 2007,p.31)

Neste sentido, a biografia escrita nas bases do jornalismo é o que Vilas Boas (2003) define de perfil, que segundo ele, é um texto biográfico curto (também chamado de short-term biography) de narrativa curta tanto na extensão (tamanho do texto) quanto no tempo de validade de algumas informações e interpretações do repórter.

Daniel Piza acredita que o perfil é um interessante gênero de reportagem interpretativa e que a sua leitura pode ser saborosa quando consegue contar passagens relevantes da vida e carreira do entrevistado, colher suas opiniões em assuntos importantes, ouvir o que dizem dele os amigos e os inimigos, mostrar como ele faz e o que faz.

O bom perfil nunca esquece que aquele criador está em destaque pelo que fez ou pela reputação que ganhou fazendo o que fez. É intimista sem se invasivo; e interpretativo, sem ser analítico. (PIZA, 2007,p. 84)

4. O PERFIL E SEU COMPROMISSO COM O JORNALISMO

Diferente das biografias, em que os autores enfrentam os pormenores da história de um biografado, os perfis podem localizar apenas alguns momentos da vida da pessoa. Segundo Vills Boas (2003), é uma narrativa curta tanto na

extensão (tamanho de texto), quanto no tempo de validade de algumas informações e interpretações do repórter. Sua natureza é essencialmente autoral.

Em concordância, Gobbi (2005) define os perfis como narrativas mais curtas e têm por finalidade focalizar de forma breve alguns momentos da vida pessoal.

Os momentos de criação de um perfil, tal como define Vilas Boas (2003), são multidimensionais. Neles combinam-se memória, conhecimento, imaginação, sínteses e sentimentos, que para ele são imprescindíveis para o trabalho autoral.

Os perfis cumprem um papel importante que é exatamente gerar empatias. Empatia é a preocupação com a experiência do outro, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem. Significa compartilhar as alegrias e tristezas de seu semelhante, imaginar situações do ponto de vista do interlocutor. Acredito que a empatia também facilita o autoconhecimento (de quem escreve e de quem lê).
(VILAS BOAS, Sergio, 2003, p.14)

Para Sodré & Ferrari (1986), a escrita jornalística que foca no personagem deve ser chamado perfil. Assim, eles elaboram algumas classificações para os perfis jornalísticos, são elas: personagem indivíduo, quando se faz um perfil mais psicológico do que referencial; personagem tipo, quando se trata de personalidades previsíveis, como as celebridades; personagem caricatura, quando o personagem tem características grotescas; miniperfil, quando a descrição ocorre em um breve momento de uma reportagem, por exemplo, e o personagem é secundário; e o multiperfil, que ocorre quando se quer explorar melhor a personalidade de alguém importante e se dedica um espaço maior para isso, com a publicação, por exemplo, de suplementos especiais.

Os perfis jornalísticos estão presentes nos veículos cotidianos, principalmente nas revistas semanais. Vilas Boas (2003), explica que há pelo

menos dois séculos as reportagens-perfis estão nos jornais e revistas, mas só nos últimos cinquenta anos têm-se publicado perfis mais longos e aprofundados, escritos de forma literária.

Na história do jornalismo brasileiro, Villas Boas (2003) ressalta que a excelência em perfis no Brasil surge na famosa Revista Relidade entre os anos de 1966 e 1968. O autor chama a atenção para as características desta publicação da seguinte forma:

imersão total do repórter no processo de captação; jornalistas eram autores e personagens na matéria; ênfase em detalhes reveladores, não em estatísticas ou dados enciclopédicos; descrição do cotidiano; frases sensíveis; valorização dos detalhes físicos e das atitudes das pessoas, estímulo ao debate; repórteres reconheciam e assumiam em primeira pessoa, as dificuldades de compreensão, das vezes indecifrável mas sempre fascinante personalidade humana. (VILAS BOAS, Sergio, 2003,p.24)

Nesta perspectiva, é possível afirmar que os perfis elucidam, indagam e apreciam a vida num dado instante, pois provocam reflexões sobre aspectos objetivos e subjetivos comuns a todos os seres humanos. É o que de fato se conserva na memória.

Segundo o autor a profissão de repórter é uma das que mais credencia o autor a ficar conectado com pessoas interessantes, e as vezes a uma distância física que o leitor comum dificilmente poderia estar. No entanto, para ele, transmitir uma compreensão sobre alguém é algo muito delicado. Não basta embaralhar fatos biográficos ou mesmo aspear frases do personagem, ou seja, a experiência humana deve ser a principal referência para o jornalista que escreve perfil e queira atingir algum êxito com este trabalho.

5. AS BIOGRAFIAS E OS PERFIS NO MERCADO EDITORIAL BRASILEIRO

As biografias e os perfis vivem um bom momento no país desde que jornalistas decidiram entrar nesta área transformando-os num gênero literário

crescentemente popular. Isto porque eles trouxeram na bagagem novos procedimentos de pesquisa, linguagem e estruturação de histórias de pessoas reais, famosas ou anônimas.

Para Sérgio Villas Boas (2002), na atualidade, os biógrafos Fernando Moraes, Ruy Castro e Jorge Caldeira, todos jornalistas, sejam no País, os nomes que mais contribuíram para (re)despertar os leitores brasileiros para o gênero biográfico.

O “fazer” dos três jornalistas-biógrafos é composto por um conjunto de recursos extraídos, deliberadamente ou intuitivamente do jornalismo, da literatura e da história. (VILAS BOAS, Sergio, 2002,p.27)

A indústria ainda não sabe quantas obras biográficas são de autores brasileiros e qual o faturamento do gênero dentro da indústria editorial do país. Apenas que o valor total lucrado em 2010 foi de mais de R\$ 4 milhões, o que fez crescer 8,12% o mercado biográfico (Comportamento do Setor Editorial Brasileiro em 2010 – CBL-SNEL-FIPE).

A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo Instituto Pró-livro em 2011 e publicada no final de março de 2012, revelou que, ainda que o número de leitores no país tenha registrado uma queda, de 95,6 milhões, registrada em 2007, para 88,2 milhões, a biografia permaneceu na lista dos 11 gêneros mais lidos, ficando acima de temáticas como viagens e culinária sendo lido em sua maioria por jovens entre 25 e 29 anos, de ambos os sexos, que cursam o nível superior.

Do total de entrevistados, 49% afirmaram que atualmente lê mais do que no passado e outros 20% disseram que não aumentaram nem diminuíram o hobby de ler revistas, livros, jornais ou textos na internet.

Estes dados servem para mostrar que a narrativa biográfica faz parte da vida cotidiana de muita gente, e isto, independente de linha de produto. Tanto que, no mercado de revista por exemplo, a utilização destes subgêneros literários

tem dado certo para muitos veículos que tem como principal linha editorial a cultura.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das pesquisas realizadas para a elaboração deste projeto, foi possível compreender um pouco mais sobre o papel das biografias e dos perfis na produção editorial cultural. Como cada vez mais os jornalistas se utilizam destes subgêneros do jornalismo literário para produzirem matérias e reportagens que reflitam a cultura no âmbito antropológico.

Em um país com tantas variações culturais, é fato que o jornalismo cultural tem uma função importante na imprensa brasileira. E cumprir tal função se apropriando de subgêneros do jornalismo literário não é uma tarefa fácil. Ela passa por diversas etapas, tais como a escolha do personagem a ser biografado ou perfilado, as fontes, das informações recolhidas e até do ângulo de abordagem da vida do personagem. Tais estratégias tem como objetivo provocar no público uma reflexão sobre a cultura à sua volta, dentro de uma perspectiva mais humanística, tanto no âmbito local, quanto global.

Tal projeto não teve a pretensão de detalhar mercadologicamente como os gêneros jornalísticos estudados no trabalho interferem no mercado. Apenas apontar sua relevância em termos editoriais e a sua contribuição para reflexão da cultura.

Sendo assim, foi possível constatar que o jornalista desta área deverá se apropriar de conhecimentos que vão até além do seu campo de atuação, tais como filosofia, história, antropologia, dentre outros.

É por isso que as próprias “técnicas” jornalísticas carregam em si uma série de perspectivas ideológicas, o que é nos faz concluir que a técnica nada mais é do que uma criação cultural e humana, carregada de valores, encontradas portanto, em outras áreas das ciências humanas.

Os estudos ainda apontaram que, ainda que na grande imprensa brasileira, o jornalismo cultural seja remetido a ideia de publicar roteiros, programação de televisão, colunas sociais e de entrevistas pautadas em lançamentos de álbuns de bandas e filmes, ainda é possível contar com veículos e jornalistas que se apropriem de personagens reais, que tenham a experiência humana como

principal referência, ou seja, que se utilizem das biografias e dos perfis para transmitir uma informação cultural.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIMA, Alceu Amoroso. O jornalismo como gênero literário. São Paulo: Com - Arte: EDUSP, 1990.

FARO, José Salvador. Revista Realidade – Tempo da reportagem na imprensa brasileira. Ulbra / Age, 1999.

BURKE, Peter. Uma história social da mídia: de Gutemberg à Internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

ROSA, Márcia Eliane. Os sentidos pluralistas do cotidiano da cultura da revista Realidade nos anos de 1966 a 1968. *Tese apresentada ao Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo*, 2006.

LIMA, Edvaldo Pereira. Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Campinas. SP. Editora da UNICAMP, 1995.

OLINTO, Antônio. Jornalismo e Literatura. São Paulo: Ediouro, 1956.

PIZA, Daniel. Jornalismo Cultural. São Paulo: Contexto, 2007.

PIZA, Daniel. Jornalismo e literatura : dois gêneros separados pela mesma língua. São Paulo: Escrituras, 2002

GOBBI, Maria Cristina. Método biográfico. In: BARROS, Antonio & DUARTE, Jorge. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

PENA, Felipe. Jornalismo Literário. São Paulo: Contexto, 2008.

PEREIRA, Wellington. (Org.). Epistemologias do caderno B (Cotidiano, cultura e jornalismo). João Pessoa: Manufatura, 2006.

VILAS BOAS, Sergio. Biografias e biógrafos: jornalismo sobre personagens. São Paulo. Summus. 2002

MELO, Isabelle Anchieta de (2007). Jornalismo cultural: por uma formação que produza o encontro da clareza do jornalismo com a densidade e a complexidade da cultura. Disponível em:
<http://www.itaucultural.org.br/rumos2007/pdf_jornalismo/isabelleanchietademelo.pdf> Acessado em 20 out.2012.

RIVERA, Jorge B. Periodismo cultural. Buenos Aires: Paidós, 2000.

VILAS BOAS, Sergio. Perfis e como escrevê-los. São Paulo. Summus. 2003.

SODRÉ, Muniz. FERRARI, Maria Helena. Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

LOPEZ, Débora e FREIRE, Marcelo. O Jornalismo Cultural além da crítica: um estudo da revista Raiz. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/lopez-debora-freire-marcelo-jornalismo-cultural.pdf>>. Acessado em 01 nov. 2012.